

O MÍSTICO E O SAGRADO DA FÉ CATÓLICA NA TERRITORIALIDADE URBANA DE CAMPO GRANDE - MS

Maria Augusta de Castilhoⁱ - UCDB
Cleonice Alexandre Le Bourlegatⁱⁱ - UCDB-

O presente estudo visa resgatar a memória e a imagem do sagrado e do místico da fé católica a partir do mapeamento espacial, com a reconstrução histórica dos santuários, paróquias e capelas, na territorialidade urbana de Campo Grande.

A abordagem teórica metodológica toma como referência: a religião, a identidade, a territorialidade, os espaços místicos e sagrados da fé católica destacando o valor simbólico do exercício da fé, com foco especial nas devoções populares. O esforço da pesquisa, por meio de uma metodologia de análise integrada, é o de interpretar a religiosidade em seu contexto territorial, buscando apreender as identidades coletivas e a dinâmica do místico e do sagrado como propriedades dessas identidades. As fontes que viabilizaram a pesquisa (arquivos, jornais, leituras bibliográficas, fotos, visitas, entrevistas, observação participante em cerimônias religiosas) são interpretadas à luz das categorias da religiosidade, identidade e territorialidade do sagrado, numa tentativa de desvendamento das lógicas induzem o movimento dessa realidade. As alternativas do estudo, em fase conclusiva, apontam para o resgate da história, por meio da imagem e mapeamento do sagrado da fé católica em Campo Grande e devem resultar em um roteiro de atividades místicas e sagradas, bem como em um calendário de festas sacras para o município local.

O estudo da religiosidade é um meio para se compreender a condição humana, enquanto que a prática religiosa, pela multiplicidade das formas que apresenta, em um país de forte inspiração católica, contribui para ampliar essa compreensão, especialmente se analisada em seus contextos territoriais específicos. A vida de uma coletividade envolve crenças que se revelam nas condutas e se materializam nas formas espaciais do cotidiano vivido, o que inclui a valorização, não só da dimensão simbólica – significativa dessas condutas, como também da dimensão material, reveladora dessas crenças e condutas.

A experiência religiosa, mesmo sendo subjetiva, contribui para a vida social, na medida em que motiva atitudes e comportamentos coletivos referentes ao sagrado, as formas espaciais resultantes exercem influência sobre a vida cotidiana da sociedade. Dada a complexidade com que esse fenômeno se reveste, torna-se significativa a abordagem multidisciplinarⁱⁱⁱ. A paisagem do sagrado com uma conexão de ligação com a religião é a expressão observável, pelos sentidos da lógica estabelecida pelas crenças e manifestada nas ações do devoto, nos lugares sagrados. Através da paisagem é possível resgatar os significados da prática de um culto religioso que impõe sua marca no espaço-tempo, e avaliar a força de impacto da espiritualidade na vida das pessoas e da paisagem e, como também observar e interpretar os efeitos dialéticos da materialidade construída sob a vida espiritual dos devotos.

A cidade de Campo Grande, contexto territorial no qual esse estudo se desenvolve, nasceu praticamente da promessa que seu fundador – José Antônio Pereira - fez a Santo Antônio. Por meio de relatos documentados, logo após o fim da Guerra do Paraguai, sabe-se que o pedido feito ao seu santo de devoção, às margens do rio Paranaíba, foi pela cura de um mal epidêmico que acometeu as 62 pessoas de sua família, em comitiva de viagem de Monte Alegre, para as novas terras de Campo Grande. José Antonio Pereira era considerado benzedor. Santo Antônio, de origem portuguesa, estava entre os santos de maior devoção popular dos mineiros do Brasil colonial, incluindo as antigas áreas de mineração das Minas Gerais, por influência bandeirante e dos jesuítas, servindo de refúgio a quem sofria desenganos, perdia parentes ou necessitava de alívio. Sua imagem era, costumeiramente, carregada pelos viajantes, em pequenos oratórios de madeira (os chamados “práticos”), sobre o lombo do burro.

Pelo relato, o pagamento da promessa deu-se com a construção da capela e a festa de inauguração em homenagem ao santo, no novo local de moradia, iniciada em 1876. Construída no topo mais elevado entre os dois córregos formadores do rio Anhanduí, seguindo as normas eclesiásticas, a capelinha foi inaugurada no dia do santo, 13 de junho

de 1877, feita em taipa e cobertura de palha, a ela acoplada um sino improvisado de ferro batido.

O reconhecimento oficial da capela pela igreja, ocorreu no ano seguinte, 1878, com a celebração da primeira missa e a bênção da imagem do santo pelo pároco da localidade vizinha de Miranda – Julião de Urquiza. Em 1886, foi possível a criação do povoado, após a doação oficial das terras feitas a Santo Antônio, sob forma de patrimônio religioso, feita pelo proprietário da fazenda Lajeado, da qual a capela fazia parte.

A capelinha e os dois córregos formadores do rio Anhanduí (Segredo e Prosa) constituíram, inicialmente, os elementos principais de estruturação do espaço social em construção. Os novos sinos no alto da torre, adquiridos em 1888, transformaram-se no principal meio de comunicação para acontecimentos importantes, estreitando os elos na coletividade. Além disso, conferia ritmo ao movimento da pequena coletividade, funcionando como marcador de horas. Esse espaço do sagrado resultou do sentimento da religiosidade popular mineira, mas uma vez construído, se fez presente e contribuiu na preservação do espírito religioso e na ordem espacial daquele povoado.

Entretanto, o governo republicano alterou esses princípios religiosos na estruturação urbana, em benefício de uma ordem laica. Em 1889, Campo Grande foi elevada à condição de vila e em 1909, impôs-se o novo traçado urbano, feito de arruamentos regulares e ortogonais, expressão da nova racionalidade republicana de inspiração positivista. Fora do alinhamento desse plano, a capela teve que ser demolida e re-posicionada. O projeto de reconstrução incluiu a transformação da capela em igreja matriz, como sede da paróquia, oficializada em 1912. Junto, emergiu a polêmica sobre a inclusão de Nossa Senhora da Abadia, como padroeira. Essa devoção de origem portuguesa havia atingido o Triângulo Mineiro desde o século XVIII, fazendo-se presente em Campo Grande, através da população mineira e dos fortes contatos comerciais mantidos com aquela região. Por outro lado, diante da inovação nos meios de transporte (ferroviário e rodoviário), redirecionando fluxos, o centro urbano de maior vitalidade, acabou deslocando-se sem levar consigo o templo religioso. Elevada à condição de cidade em 1918, Campo Grande tornou-se sede de

bispado, em 1957 e, em 1978, sede da arquidiocese. Mantida no local de origem, em outubro de 1991, após nova reforma, a catedral de Santo Antônio e Nossa Senhora da Abadia pôde ser re-inaugurada pelo papa, durante sua visita à cidade.

O espaço do sagrado em Campo Grande foi sendo tecido nesse embate entre o Estado laico e a Igreja Católica, sob influência da cultura mineira, ao mesmo tempo, combinando-se àquelas dos novos colonizadores vindos de outros Estados e de países fronteiriços. A prática da religiosidade leiga sempre esteve presente nessa teia de relações, visível através dos santuários e centros de devoção popular, incorporados, pouco a pouco, à ordem eclesiástica, no contexto da romanização da Igreja. As ordens religiosas que se fizeram presentes na cidade também tiveram influência nas novas devoções.

A ordem interna estabelecida pela Igreja na cidade de Campo Grande constitui-se, hoje, de 23 paróquias, mais de 50 capelas, além de dois santuários. Os diversos nomes de santos/santas atribuídos às capelas revelam a trajetória de mudanças na história eclesiástica local e o novo conteúdo sócio-econômico da cidade.

O santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro emergiu da prática religiosa coletiva, sob a influência de missionários redentoristas, enquanto o santuário de São Judas Tadeu, um santo de devoção alemã e francesa do século XVIII, que adentrou e se disseminou rapidamente no Brasil desde o início do século XX, para causas desesperadas e de soluções perdidas, surgiu nos anos 80, período de entrada migratória mais significativa.

No santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a oposição entre sagrado e profano já pode ser identificada entre o espaço interno e externo ao templo. O espaço interno, utilizado exclusivamente para prática religiosa (novenas, orações e promessas), opõe-se ao entorno imediato, no qual se encontram as barracas de comércio dos instrumentos dessa prática (imagens, terços, velas, estampas, água para ser benta), como também de carrinhos de pipoca, algodão-doce, doces, salgados etc.. É aí que ocorrem as conversas informais e formas de lazer. Nesse conjunto, ainda que as funções de cada espaço sejam articuladas pela prática de devoção ao santo, os espaços e ações destinadas a cada função, não se misturam. Já no santuário São Judas, embora atraia muitos

peregrinos, nele ainda não se observa contraste significativo entre o sagrado e do profano, a não ser o canto reservado às festas e almoços beneficentes em prol do templo, por iniciativa dos devotos.

Nesse contexto urbano, também se manifestam experiências místicas, como expressão do espírito religioso, sacralizando espaços. São formas de devoção, cuja resolução de problemas cotidianos tem primazia sobre a salvação da alma. As graças são obtidas por meio de promessas e compensadas com romarias, festejos, procissões, dádivas ou sacrifícios.

As duas as santinhas identificadas como objeto de devoção popular são Fátima e Carminha de Cássia, às quais se atribuem milagres. A religiosidade popular manifesta-se pela fé na santificação dessas duas crianças, obtida por meio do sofrimento, portanto, sem base racional, como mito, reservando-se a elas um lugar sagrado para o exercício da devoção. O poder simbólico atribuído é invisível e quase mágico^{iv}, de caráter subjetivo. Os fatos são identificados como mistério e cumprem a função de propiciar a participação no universo divino, através da obtenção de graças e favores em troca de devoção.

A experiência mística com Fátima Aparecida Vieira ocorre no cemitério Santo Amaro (quadra 40, lote 32) em Campo Grande-MS, para onde os devotos se dirigem, na expectativa de receber graças e se possível milagres. Já, no caso, da Carminha de Cássia, os peregrinos se dirigem a uma capelinha, pintada de amarelo e azul e cercada de grade, situada no centro da cidade, em um local próximo à Estação Rodoviária. Nos dois espaços é comum os peregrinos deixarem objetos de agradecimento pela graça recebida: velas, muletas, presentes, orações etc...

A história de Fátima foi relatada pela própria mãe, Nair Maria Vieira. A santinha, nascida em Campo Grande, em 08 de dezembro de 1971, foi protagonista de um episódio, no dia 21 de maio de 1979, às 8 h 30', marcado na memória coletiva de populares. Devota de Nossa Senhora Aparecida, ela acendeu a vela, pedindo ajuda para a prova escolar. Acometida pelo acidente com a vela e sentindo o fogo lhe queimar, sentiu-se culpada por não ter atendido à sugestão da mãe para esperá-la sair do banho, receosa que estava do

perigo do manuseio com o fogo, e ainda de ter trancado a porta para não ser interrompida, motivo que a levou a murmurar de joelho por três vezes: “perdão papai do céu, perdão mãezinha!”. A mãe só pôde acudi-la, quando ela conseguiu passar a chave por baixo da porta e afirma ter sido consolada pela filha, nos piores momentos de desespero vividos por aquela situação, que atribuía o fato à vontade de Deus. Emocionada, Nair confirma que o fogo não queimou nada dentro do quarto, a não ser a menina. No hospital, Fátima veio a falecer, sendo sepultada no dia 24 de maio de 1979. Segundo relatos, sob a capela em que ela foi enterrada, mina água com poder de cura, atraindo um grande número de devotos. Foram várias as pessoas que afirmam ter recebido graças sob a proteção de Fátima, como é o caso da uma surda que passou a ouvir; da uma professora que viu a menina e depois a reconheceu na foto do túmulo; ou da uma mulher estéril conseguiu dar à luz a um menino depois de rezar para Fátima.

O relato sobre Carminha de Cássia tem referência no valor moral e religioso. Morta por abuso sexual, o autor do crime que mantinha relações de amizade e compadrio coma família, acabou sendo linchado por populares. O episódio, cuja data não se pôde precisar, permanece na memória dos moradores, passada por tradição oral, embora sua santidade não seja reconhecida pela Igreja. A capela foi construída por um devoto, Ronaldo proprietário de uma garagem de carros e os moradores nem sabem mais ao certo quem doou o terreno.

Outra manifestação religiosa, que ganhou forma concreta de espaço do sagrado na cidade, é a Capela Divino Espírito Santo, vinculada à Paróquia Cristo Redentor, que emergiu da experiência mística de Geralda Luiza das Chagas, em sua residência, no bairro periférico de Guanandy (Rua Jorge Ward, 219). Adepta de Nossa Senhora das Graças, Geralda reproduziu no quintal, o objeto de suas visões, ou seja, a capela com a imagem de Nossa Senhora sobre uma gruta. No mesmo ambiente, encontram-se ainda imagens de São Judas, São Geraldo, Nossa Senhora Aparecida, São João Batista, Santo Expedito, Jesus na cruz, da mesma forma, fruto das visões da mística. Segundo ela, a preocupação é a de propiciar à comunidade, a vivência de um catolicismo coeso. Mostra

disso são as várias garrafas com água, existentes ao pé do altar para serem distribuídas aos visitantes que as solicitam para suas necessidades. Ao redor também são encontrados objetos, como forma de agradecimento às graças recebidas.

A festa religiosa de destaque, organizada pela mística Geralda, é realizada no mês de junho, no dia de Corpus Christi. Inicia-se com a celebração de uma missa campal, seguida de uma procissão com trajeto pré-estabelecido. Da celebração participam o bispo diocesano, padres de várias paróquias, ocasião em que todos os santos da capela são colocados em andores, levados por membros da comunidade, de forma respeitosa e alegre. Cânticos são entoados pela comunidade local durante todo o trajeto religioso. No encerramento, são servidos doces, bolos, salgados, oferecidos gratuitamente pelos membros da comunidade local sob a coordenação da organizadora da festa.

A experiência mística de Geralda revela um desejo de tornar o divino (Deus e os santos) mais próximo da vida cotidiana. Nessa relação com o sagrado, as solicitações de bens e vantagens concretas do mundo vivido ganham primazia em relação à salvação da alma. O estado de êxtase experimentado na relação com o divino caracteriza o sobrenatural e o transcendente como um meio de se estabelecer harmonia com o mistério. Segundo relata a mística, essa sensação perturba e seduz, arrasta e fascina. Seu mundo sagrado é percebido como um mundo de energia, voltado para o bem, sempre eliminando o mal, pois no dizer de Geralda: “Deus, Nossa Senhora e os santos tocam o interior das pessoas até à alma, despindo-as de todas as intenções de maldade e intensificando o amor ao próximo e a compreensão entre os seres humanos.”

Outra forma de manifestação da religiosidade popular, nas áreas periféricas da cidade, pode ser observada entre comunidades de origem paraguaia, adeptas de Nossa Senhora de Caacupé – Padroeira do Paraguai. Através dos relatos de integrantes da comunidade de devotos da vila Sobrinho (Rua Ricardo Franco nº 1115), foi possível caracterizar uma das formas dessa sacralização no espaço particular de moradia. São os casos de Aurélia Gomes Novaes, que construiu uma gruta a Nossa Senhora de Caacupé em sua residência, para quem oferece anualmente uma festa (dias 30/11/a 08/12), como

pagamento de uma promessa, em agradecimento pelas graças recebidas. Da cerimônia, como se pôde avaliar, participa um padre de origem paraguaia, Theodoro Benitez, coordenador das atividades religiosas dos paraguaios em Campo Grande. O ritual de homenagem é acompanhado de músicas tocadas ao violão, com dançarinas em trajes típicos e coloridos, equilibrando um vaso de flores na cabeça. Ao ser entrevistada a bailarina Vitória Morilha Ferreira^v afirmou – “danço porque Deus quer!”

Lídia Ferreira de Ortiz^{vi}, presente na festa, também afirmou ter em sua residência um local sagrado de orações para sua santa protetora - Nossa Senhora de Caacupé.

O exposto permite inferir a respeito do papel holístico e integrador que o sentimento e o comportamento religioso exercem nas coletividades, na medida em que atribuem coerência e significado ao mundo e àqueles que o integram. Aparecem como elementos de coesão na construção das relações sociais, fortalecem e emponderam coletividades.

As experiências relatadas, os escritos de místicos e as formas construídas, tomadas nos espaço de vivência cotidiana dos adeptos permitem conhecer as experiências de devoções populares, além de revelar a presença autêntica e real, de intuições, imagens, representações e manifestações demonstradas pelas pessoas, em seu contexto cultural específico, influenciando e recebendo influências do inconsciente pessoal e coletivo^{vii}.

Em um espaço globalizado com predominância da ciência e da razão, os impulsos religiosos e crenças místicas tendem a se disseminar de forma cada vez ampla e profunda. A religião atenua o terror diante da finitude da vida e impõe obediência a valores morais vitais para a sobrevivência humana. O sagrado existe por si só e as religiões são respostas a essa existência. Os homens não criam nada nesse campo e as manifestações religiosas, mesmo moldadas pelo filtro da cultura, passam a ser uma simples reação a uma dimensão que já existe. A religiosidade, concebida como um fenômeno próprio da condição humana manifesta-se como pensamento intuitivo, especialmente em momentos de ameaça à integridade do ser, contribuindo para a manutenção da vida.

ⁱ Doutora em História Social/USP - Professora da Universidade Católica Dom Bosco

ⁱⁱ Doutora em geografia – UNESP/Presidente Prudente - Professora da Universidade Católica Dom Bosco

ⁱⁱⁱ A equipe de pesquisadores e auxiliares de pesquisa pertencem à áreas diversificadas, a saber: geografia, história, sociologia, arquitetura, jornalismo, turismo, filosofia e letras.

^{iv} MELO, Jayro G. *Espiral do espaço*. Presidente Prudente: Gasperr, 2003, p. 46.

^v Residente à Rua Japá, 73 – Bairro Moreninha III – Campo Grande/MS.

^{vi} Residente à Av. Manoel Joaquim de Moraes, 178 – Vila Jussara – Campo Grande/MS

^{vii} AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário histórico de religiões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, p 62.